



O PRIMEIRO CASO DA

DETETIVE ANIMARA VILHA



RENATO
CROVELLA

LeivArte

Introdução

Cara pessoa leitora,

Obrigado por adquirir este e-book! Trata-se do primeiro conto de uma série de conteúdos especiais, que celebram o universo narrativo de super-heróis da LeivArte. Nossa protagonista não poderia ser outra: é Animara Vilha, uma drag queen que, após liderar a missão de captura do serial killer Harold Haller em Esquadrão Drag (2022), agora embarca em uma nova jornada como investigadora particular.

Tom Dias, o 'homem por trás de Animara', agora retoma sua missão de melhorar vidas e combater o crime, desta vez, de forma independente, sem ter que se provar ou seguir padrões que mais o atrapalham do que ajudam. Ou, pelo menos, é o que ele imagina.

Quem disse que uma drag queen não pode combater o crime com elegância e astúcia, mantendo a pose e a make impecáveis mesmo nas situações mais perigosas? Pois é, meu bem: Animara está aqui mais uma vez para mostrar que é possível sim!

Do fundo do meu coração, espero que você tenha uma ótima leitura, que seja divertida e que você queira conhecer ainda mais desse rico universo que está apenas começando. Em 2024, o universo foi expandido com o lançamento de Wolfgang - mas há novos livros vindo aí, trazendo mais personagens e narrativas cativantes, além de mais representatividade e grandes emoções!

Delicie-se com essa pequena aventura e te vejo na próxima história!

Com amor,
Renato C. Leiva.

Índice

Capítulo 1: O primeiro cliente	3
Capítulo 2: O espelho amaldiçoado	6
Capítulo 3: Histórias ocultas	10
Capítulo 4: Animara através do espelho	13



capítulo 1:

primeiro cliente

Tom Dias estava bastante empolgado com o primeiro dia em seu novo trabalho. Sua esposa, Mariana, o apoiara na decisão de atuar como investigador particular, mas estava ansiosa.

Tom alugou um pequeno apartamento em um prédio antigo do Eixo de Gintopo para começar seu novo negócio. A porta mal fechava e a acústica era horrível, vazando sons de seus vizinhos. Mas para um recomeço, não era nada mal.

Assim que chegou, Tom foi até o quarto onde ele havia deixado as coisas da Animara e lá mesmo ele começou a se montar. Era uma manhã amena de segunda-feira, e a expectativa era de que nenhum cliente de fato apareceria nas primeiras horas (ou talvez dias), então ele foi se montando com toda a calma do mundo. Depois de cerca de uma hora, Animara Vilha estava pronta para receber o seu primeiro caso.

As horas foram se passando e o marasmo foi tomando conta. Nenhuma ligação, nenhuma mensagem, nenhum toque da campainha: nada acontecia. Quando já eram quase cinco horas da tarde, a drag queen entendeu que poderia dar o dia como encerrado.

Antes de partir, Animara terminava de organizar seu pequeno, porém estiloso, escritório quando a campainha da porta ecoou pela sala. Ela ajeitou o blazer vermelho, os brincos dourados balançaram suavemente com o movimento, e ela se dirigiu à porta com sua habitual confiança.

Ao abri-la, encontrou um homem alto, com feições cansadas e olhos que pareciam à beira do desespero. Vestido com um casaco pesado apesar do clima ameno, ele apresentava as mãos trêmulas, como se precisasse se agarrar a algo tangível em meio ao terror que parecia envolvê-lo.

— “Olá... você deve ser a detetive Animara Vilha, certo?” — Sua voz saiu hesitante, como se temesse incomodá-la.

Animara o avaliou com um olhar clínico. Algo no comportamento dele a deixou alerta. Mas, como uma profissional recém-estabelecida, ela sabia que qualquer julgamento precipitado poderia afastar um cliente, então sorriu gentilmente e fez sinal para que ele entrasse.

— “Sim, sou a própria. Mas por favor, me chame de Animara” — respondeu ela, com uma voz melodiosa e acolhedora. — “E você é?”

— “Alexandre” — respondeu o homem, entrando e olhando ao redor, como se estivesse sendo seguido por algo invisível.

Ele se sentou na cadeira que ela indicou e começou a mexer nervosamente nas mangas de seu casaco. Animara cruzou as pernas elegantemente enquanto se sentava do outro lado da mesa, pegando um bloco de anotações.

— “Então, Alexandre... como posso lhe ser útil?” — perguntou ela, em um tom leve.

Alexandre olhou em volta, como se estivesse verificando se alguém ou algo estava à espreita, e então respirou fundo antes de falar.

— “Estou sendo... perseguido, ameaçado” — disse ele, as palavras saindo de forma rápida e entrecortada. — “Não por pessoas normais... não por criminosos comuns. Há algo mais. Algo que não consigo ver, mas que sei que está lá. Eu ouço vozes, vejo sombras se movendo pelas paredes quando estou sozinho... sinto uma presença... maligna.”

Animara manteve a expressão neutra, mas por dentro, sua mente já começava a trabalhar. Era comum as pessoas exagerarem quando estavam assustadas, mas Alexandre parecia genuinamente atormentado. Talvez fosse paranoia, talvez fosse verdade. Em sua experiência como agente secreto da AINB (Agência de Inteligência Nacional Brasileira), Tom sabia que muitas vezes os medos mais sombrios das pessoas eram aqueles que elas não conseguiam explicar racionalmente.

— “Você disse que vê sombras e ouve vozes?” — perguntou ela, inclinando-se levemente para frente, demonstrando interesse genuíno.

— “Sim, sim. Começou devagar, sabe? Coisas pequenas, como sentir um calafrio na espinha ou ouvir um sussurro quando ninguém estava lá. Achei que fosse só a minha mente pregando peças, mas agora... agora está piorando. As sombras... elas se movem, me seguem. E as vozes...” — Alexandre fez uma pausa, esfregando o rosto com as mãos como se tentasse afastar a memória. — “Elas me chamam pelo nome, dizem coisas que eu não quero ouvir... ameaças, segredos, músicas da Chappell Roan tocando de repente... como se conhecessem meus piores medos.”

Animara fez uma anotação rápida em seu bloco, mas, ao mesmo tempo, seus olhos observavam atentamente cada movimento do homem. Ele parecia agitado, mas havia algo mais. Ele olhava para ela de um jeito peculiar, como se esperasse uma

reação específica. Animara já havia encontrado pessoas perturbadas antes, mas algo no comportamento de Alexandre não parecia encaixar completamente na descrição de uma vítima comum.

— “Onde você tem visto essas sombras? Elas aparecem apenas em sua casa, ou em outros lugares também?” — Ela perguntou, conduzindo a conversa para obter mais detalhes.

Alexandre hesitou por um momento, seus olhos desviando para o chão, antes de responder.

— “Principalmente em casa... mas já as senti me seguindo na rua. Elas... elas parecem me observar, como se estivessem esperando por algo.” — Ele levantou os olhos para Animara, que calmamente anotou mais algumas coisas.

— “E essas vozes, o que exatamente elas dizem?” — Animara perguntou. Alexandre se inclinou para frente, sua voz se transformando em um sussurro conspiratório.

— “Elas dizem que sabem o que eu fiz, que eu sou um impostor. Elas dizem que eu não vou escapar. Que vão me pegar quando eu menos esperar...”

Animara sentiu um arrepio percorrer sua espinha, não pelas palavras em si, mas pelo jeito que ele as disse. Havia algo ali, um tom de culpa. A questão era: culpa pelo quê?

Ela sorriu gentilmente, inclinando a cabeça de lado.

— “Não se preocupe. Vou ajudar você a descobrir o que está acontecendo. Mas preciso saber de tudo. Você está seguro aqui, então, por que não começa do início? Quando exatamente esses eventos começaram?”

Ele respirou fundo e começou a contar sua história com mais detalhes. À medida que Alexandre falava, Animara continuava a anotar, mas a cada palavra que ele proferia, ela sentia que a história se tornava mais complexa.

Era uma sensação sutil, mas Animara aprendeu a confiar em seus instintos e, naquele momento, eles lhe diziam que Alexandre não era apenas uma vítima comum. Talvez ele estivesse mesmo em perigo, mas algo lhe dizia que o perigo não vinha exatamente do sobrenatural.



capítulo 2:

espelho amaldiçoado

Animara Vilha chegou à casa de Alexandre em uma noite fria e silenciosa. A fachada da casa era típica de uma casa afastada do centro do Eixo de Gintopo, mais especificamente de um bairro antigo e decadente, com tijolos desgastados e janelas embaçadas. O ar ao redor parecia mais denso, como se o ambiente carregasse uma energia invisível e opressiva.

Ela respirou fundo antes de tocar a campainha. O som ecoou com uma vibração metálica, enquanto Animara aguardava. Logo, Alexandre abriu a porta, os olhos escuros refletindo o nervosismo de sua alma. Ele a cumprimentou com um aceno rápido e gesticulou para que entrasse.

— “Entre, por favor. Agora mesmo está acontecendo com mais frequência... As sombras. Acho que você veio num dia bom, em que as atividades por aqui estão intensas de novo” — murmurou Alexandre, mantendo a voz baixa, como se temesse que qualquer som mais alto pudesse despertar algo indesejado.

Animara entrou, observando o interior da casa com cuidado. O ambiente era sombrio, com cortinas grossas bloqueando a luz das janelas. Os móveis pareciam deslocados, como se tivessem sido rearranjados várias vezes por mãos inquietas. Havia uma fina camada de poeira em várias superfícies, indicando que Alexandre não parecia muito interessado em manter o lugar habitável. O ar estava pesado, denso de uma maneira que fazia com que Animara sentisse um leve arrepio.

— “Você mora aqui sozinho?” — perguntou ela, num tom casual disfarçando sua crescente curiosidade sobre o ambiente.

— “Sim... já faz bastante tempo” — respondeu Alexandre, enquanto se dirigia para a sala de estar. — “É aqui que acontece a maior parte... os ruídos, as sombras, a música. Principalmente à noite, quando geralmente assisto à TV”.

Animara seguiu-o, os saltos de suas botas fazendo um som baixo e constante no chão de madeira. A sala de estar parecia sufocada pelo silêncio. Uma grande TV dominava a parede central. No canto que ficava entre a sala e a porta da cozinha, havia um espelho antigo, com moldura ornamentada. Animara notou que o espelho estava coberto com um lençol escuro.

— “O que é isso?” — perguntou ela, apontando discretamente.

Alexandre olhou para o objeto coberto, sua expressão ficou tensa.

— “Eu... eu não posso mais olhar para ele.” — Ele falou com a voz tremendo levemente. — “Eu vi... coisas. Coisas que não deveriam estar aí. Tenho medo de tocar nesse objeto”

Animara arqueou uma sobrancelha, mas não comentou. Em vez disso, caminhou lentamente pela sala, deixando seus olhos percorrerem o ambiente. Os detalhes se acumulavam: uma pilha de livros desordenados sobre temas esotéricos, um frasco de sal grosso derramado ao lado da janela, e pequenas marcas riscadas na madeira do chão, como se algo tivesse sido arrastado repetidamente. Era como se Alexandre tivesse tentado, sem sucesso, lutar contra algo etéreo.

— “Vamos fazer o seguinte” — disse Animara, com uma tranquilidade calculada. — “Quero que você me mostre onde os fenômenos mais intensos ocorrem. Vamos ver se conseguimos provocar alguma reação... Ou pelo menos descobrir qual a origem dessa bizarrice sinistra.”

Alexandre hesitou, mas assentiu, guiando-a até um corredor estreito que levava aos quartos. O silêncio era quase palpável, mas a escuridão parecia vibrar ao redor deles. Animara manteve a compostura, mas havia algo inegavelmente estranho no ar. Uma sensação de estar sendo observada, não apenas por Alexandre, mas por outra coisa, algo mais antigo, mais sombrio.

No final do corredor, Alexandre abriu a porta do que parecia ser o quarto principal. O cômodo estava quase vazio, exceto por uma cama de ferro forjado no centro, coberta por lençóis desarrumados, e uma cômoda antiga em um dos cantos. Animara notou o chão coberto com círculos de giz, símbolos riscados com pressa, quase de maneira desesperada - como a maquiagem de uma drag queen iniciante. A atmosfera ali era sufocante, e o ar parecia vibrar de forma sutil, quase imperceptível.

— “Foi aqui que tudo começou” — disse Alexandre, sua voz reduzida a um sussurro. — “Eu estava dormindo quando ouvi... passos. Mas ninguém mais estava aqui. Quando acendi a luz, vi as sombras... densas, se arrastando pelas paredes, como se quisessem sair delas.”

Animara olhou ao redor, de braços cruzados, com suas unhas postiças longas acariciando seus próprios braços enquanto ela observava cada detalhe do quarto. A tensão no ar era inegável, e mesmo sem acreditar no sobrenatural, ela sabia que algo estava acontecendo ali. Se era uma manifestação verdadeira ou uma armação habilmente arquitetada, isso ela ainda precisava descobrir.

— “Você ouviu passos, vozes, músicas estranhas... O que num apartamento como esse pode ser perfeitamente normal, ainda mais numa região como essa. Não no sentido sobrenatural, mas porque a acústica geralmente é terrível e as pessoas por aqui são bem sem noção. Mas você comentou que viu sombras que se moviam?”
— repetiu Animara, enquanto se abaixava para examinar os círculos desenhados no chão. — “Há algo mais específico que tenha acontecido? Algum evento que coincidiu com o início desses fenômenos?”

Alexandre pareceu ponderar por um momento, as mãos inquietas passando pelos cabelos.

— “Não sei... talvez algo tenha começado quando...” — Ele hesitou, como se estivesse segurando algo. — “Quando eu comprei aquele espelho. Trouxe de uma loja de antiguidades há alguns meses. Desde então, as coisas têm piorado. Mas pode ser coincidência, certo?”

Animara olhou para ele, os olhos estreitados com interesse. O espelho parecia ser algo importante.

— “Quero ver o tal espelho” — disse ela, levantando-se.

Alexandre engoliu a seco, mas assentiu, voltando com ela para a sala de estar. Com as mãos hesitantes, ele puxou o lençol que cobria o espelho. Por um momento, nada aconteceu. O reflexo devolveu apenas a imagem da sala vazia.

Animara já estava achando aquilo tudo uma grande palhaçada, quando de repente um movimento sutil capturou a sua atenção. Algo se moveu, rápido e indistinto, pelo canto de sua visão. Ela se virou, mas nada estava ali. Um arrepio percorreu sua espinha.

— “O que foi? Você viu alguma coisa?” — sussurrou Alexandre, sua voz cheia de pânico contido. A música My Kink is Karma da Chappell Roan, começou a tocar bem baixinho ao fundo.

Animara assentiu lentamente e discretamente tirou uma foto com seu celular. Ao invés de recuar, ela se aproximou mais do espelho, observando o reflexo com atenção. Havia algo de errado com ele, como se o objeto estivesse distorcendo a realidade, mostrando algo além do que deveria de fato estar refletido ali. Conforme ela se aproximava, a música se intensificava.

Uma sombra, de forma indefinida, mas inegavelmente presente, se movia dentro do espelho, como se estivesse presa, tentando encontrar uma forma de sair.

Animara manteve uma expressão neutra. Ela se afastou do espelho e olhou para Alexandre.

— “Parece que temos muito trabalho a fazer. Vou precisar investigar um pouco mais e te manterei informado das minhas descobertas.” — disse ela, mantendo o tom firme e profissional, mas com uma pitada de empolgação.

Se o espelho realmente continha algo pesado por trás, Animara estava determinada a fazer uma chuca espiritual nele.



capítulo 3: *Histórias ocultas*

De volta ao seu escritório na manhã seguinte, Animara Vilha sentou-se à mesa, refletindo sobre os acontecimentos da noite anterior. Ela girava lentamente a caneta entre os dedos enquanto lia suas anotações. O espelho, as sombras, os círculos de proteção... Algo não estava certo, e embora os elementos sobrenaturais parecessem reais, Animara tinha a impressão de que algo mais estava acontecendo por trás dessas manifestações.

Ela passou horas revisando os detalhes, mergulhada na análise do comportamento de Alexandre. Ele era claramente uma alma perturbada, mas Animara aprendeu cedo em sua vida que o desespero muitas vezes levava as pessoas a mentirem ou a esconderem partes importantes da verdade.

No entanto, uma dúvida persistente a incomodava. E se, de fato, o espelho antigo fosse mais do que apenas um item decorativo com uma história sombria? Ela decidiu investigar a origem do objeto. Na noite anterior, ela notara que o espelho continha uma pequena etiqueta com dados que pareciam ser da loja onde o objeto foi comercializado.

Naquela tarde, ela dirigiu-se ao endereço em questão, que ficava em uma parte do Eixo de Gintopo que exalava uma atmosfera antiquada. Ao entrar, o cheiro de mofo e madeira velha a chocou, e o ambiente estava repleto de móveis e objetos datados para além do século passado. Uma senhora idosa, com cabelos brancos presos em um coque apertado, estava atrás do balcão, polindo uma peça de bronze.

— “Posso ajudar você, querida?” — perguntou a senhora, sem levantar o olhar.

— “Sim, estou procurando informações sobre um espelho antigo e acho que a senhora pode ajudar.” — Animara buscou por uma foto em seu celular, que mostrava o espelho de Alexandre. — “Este espelho aqui, especificamente. O cliente que comprou me contou que veio daqui.”

A senhora olhou para a imagem e, por um momento, seus olhos se arregalaram. Animara notou a mudança súbita na expressão dela, que logo se suavizou.

— “Ah, sim... me lembro desse espelho” — disse a senhora, com um tom cauteloso. — “Era uma peça única. De origem russa, acredito. Veio de uma mansão que ficou abandonada por muitos anos. Dizem que o espelho foi feito sob encomenda por um velho nobre... mas há muitas histórias por trás dele.”

— “Que tipo de histórias?” — Animara inclinou-se ligeiramente, seu interesse era crescente. A mulher hesitou por um momento antes de continuar.

— “Existem rumores de que o espelho foi usado em rituais... rituais antigos e perigosos. Dizem que ele captura fragmentos de almas, sombras de impostores manipuladores, e que essas almas ficam presas ali... Algumas pessoas que possuíram o espelho relataram estranhos fenômenos, vozes, sombras... como se as almas tentassem escapar para capturar outros impostores e trazê-los para dentro do espelho, para lhes fazer companhia.”

Animara estreitou os olhos e esboçou um leve sorriso unilateral. Embora parte dela estivesse cética em relação àquelas histórias, havia algo de fascinante naquele mistério. O que, então, isso significava para Alexandre? Ele realmente trouxe um objeto amaldiçoado para sua casa, ou estava usando essa história para mascarar algo mais obscuro em sua própria vida?

A mulher atrás do balcão continuou:

— “Quando o espelho foi trazido para cá, eu sabia que havia algo de errado. Ele causava uma estranha inquietação em algumas pessoas que o tocavam. Elas ficavam pálidas, apáticas, como se a alma delas fosse sugada para dentro do espelho. Por isso vendi logo para aquele jovem.”

— “Ele estava procurando por algo assim?” — Animara perguntou, franzindo levemente a testa.

— “Ele parecia interessado em itens com histórias sombrias” — disse a mulher. — “Quando contei a história do espelho, ele dizia que queria exatamente algo assim, que o ajudasse a combater os impostores. Algo sobre entender seus próprios demônios, enfrentar medos...”

Essa nova informação fez com que Animara fechasse seu bloco de notas, enquanto respirava fundo. Ela agradeceu à senhora e se despediu, mas as novas pistas deixaram sua mente fervilhando. Enquanto dirigia de volta ao escritório, ela começou a montar as peças de um quebra-cabeça que parecia cada vez mais intrincado.

A história do espelho podia ter algum fundo de verdade, mas Alexandre não era uma vítima desavisada. Ele sabia o que estava trazendo para sua casa. Mas por quê? Qual era sua verdadeira intenção?

Ao chegar no escritório, Animara voltou sua investigação para outro foco. Ela já havia feito algumas investigações preliminares quando aceitou o caso, mas decidiu que precisaria conhecer o seu cliente mais a fundo. A drag queen decidiu acionar seus contatos para tentar descobrir mais sobre ele, assim que aferiu que se tratava de um homem gay. Ela começou a buscar qualquer informação adicional sobre ele e, de fato, seu palpite estava certo.

— “Bi, essa bicha é sinistrone!” — Comentou Lady Lenny, drag queen experiente e amiga de Animara, ao ver a foto enviada pela detetive — “É a Alexposed! Ela era de uma casa que competia com a gente nos bailes da Monna, mas foi cancelada por ficar expondo as gays que vivem no armário. Ela é famosa por fazer chantagens e até ameaçar algumas pessoas que se recusam a se assumir publicamente.”

A partir das informações dadas por Lenny, Animara foi capaz de ir cada vez mais fundo em sua investigação. Ela descobriu, por exemplo, que Alexandre tinha um histórico problemático de relacionamentos passados. Ex-namorados e até colegas de trabalho já tinham reclamado do comportamento obsessivo de Alexandre, que perseguia, intimidava e, em alguns casos, ameaçava fisicamente as pessoas que ele julgava como “impostores”. Animara agora tinha certeza de que ele não era a vítima que fingia ser. Ele era um manipulador, alguém que gostava de controlar os outros por meio do medo.

Com as novas evidências à mão, Animara concluiu que Alexandre havia tentado envolvê-la em sua teia de mentiras, usando o sobrenatural como uma cortina de fumaça para seu verdadeiro objetivo: assustá-la. Mas ele cometeu um erro grave ao subestimar seu talento.

Animara sabia que estava na hora de agir, mas teria que ser cuidadosa. Se Alexandre estava tão profundamente envolvido em seus próprios jogos, qualquer passo em falso poderia colocá-la em uma situação perigosa.

Ela formulou um plano e naquela noite, ao fechar seu escritório, Animara já sabia o que faria. Ela só precisaria de uma pequena ajuda tecnológica e um pouco de sagacidade. Alexandre achava que estava no controle, mas ele ainda não conhecia a verdadeira Animara Vilha. E ela estava prestes a virar o jogo e gongá-lo como toda boa drag sabe fazer.





capítulo 4:

Animara através do espelho

O dia passou como um flash. Animara estava ansiosa, mas com seu plano cuidadosamente montado. Havia algo libertador em saber que o destino do caso estava em suas mãos — e que Alexandre subestimava sua inteligência.

Ela voltou à casa dele com uma mistura de calma e determinação. A cada passo que dava, seus saltos ecoavam na rua mal iluminada, um som ritmado que refletia sua confiança crescente. Ao chegar à porta, sentiu o ar novamente denso, pesado com a tensão invisível. Mas, dessa vez, não se deixaria afetar. Havia uma armadilha para ser montada, e ela já sabia exatamente como conduzir Alexandre para dentro dela.

Quando o cliente abriu a porta, ele parecia mais calmo do que antes. A confiança superficial em seu rosto mal escondia uma ansiedade profunda. Ele a observava com atenção, como se estivesse tentando ler seus pensamentos. Ela retribuiu o olhar, mantendo o controle de suas expressões e emoções.

— “Que surpresa te ver aqui, Animara” — disse ele, conduzindo-a para dentro. — “As coisas estão ficando piores... Eu vi algo no espelho novamente, hoje cedo.”

Animara assentiu, fingindo interesse.

— “Então imagino que não irá se opor em me deixar verificar o espelho novamente, certo?” — perguntou, fazendo com que sua voz soasse suavemente preocupada.

Ele hesitou por um momento, mas então concordou, caminhando em direção à sala de estar. O espelho, ainda sem o lençol que o cobria, parecia apenas um objeto inanimado. Mas para Animara, ele era o centro de tudo — e a chave para expor Alexandre.

— “Antes de prosseguirmos...” — disse ela, com um tom calculado de leveza — “...eu gostaria de fazer um teste. Uma forma de ver o que exatamente está acontecendo aqui.”

Alexandre arqueou uma sobrancelha, desconfiado, mas curioso.

— “Que tipo de teste?”

Animara tirou um pequeno dispositivo de sua bolsa, uma câmera térmica que ela conseguira emprestado de sua esposa.

— “Essa câmera, capaz de fazer registros visuais de temperatura, vai nos ajudar a ver se há alguma peculiaridade no ambiente” — disse ela. — “Às vezes, fenômenos sobrenaturais podem ser capturados por diferentes tipos de lentes. Vamos tentar com essa.”

Alexandre pareceu relutante, mas concordou. Animara começou a escanear o ambiente com o dispositivo, enquanto cuidadosamente observava cada reação dele. O homem estava tenso, sua respiração ligeiramente acelerada.

Depois de alguns minutos, Animara se aproximou do espelho, posicionando-se ao lado do seu cliente misterioso.

— “Olhe bem, Alexandre” — ela disse calmamente, segurando o dispositivo em uma mão, mas fixando seu olhar no reflexo. — “Quero que você me diga exatamente o que vê.”

Ele olhou para o espelho com hesitação, mas então forçou a si mesmo a se concentrar. Animara observou seu reflexo cuidadosamente. O pânico em seus olhos não era provocado pelo espelho em si, mas pelo fato de que ele sabia que seu plano estava desmoronando.

Enquanto a atenção de Alexandre estava no espelho, Animara sutilmente iniciou um áudio gravado com o seu celular, que continha uma mistura de sons abafados e ruídos indistintos. Alexandre congelou ao ouvir o som, virando-se bruscamente para a detetive. Em seu paletó, escondido, havia um gravador de voz já ativado e que gravava cada palavra da conversa.

— “Ai, Jesus Maria José! Você ouviu isso?” — perguntou ele, com uma voz aguda.

— “Sim, parece que há um impostor aqui” — respondeu ela, mantendo a calma. — “Parece que algo sobrenatural está reagindo e se manifestando através do espelho. Quanto maior o ruído, maior é a proximidade desses espíritos malignos com o nosso plano. Acredito se tratar de almas de haters obsessores querendo desmascarar algum impostor...”

Animara deu um passo à frente e fixou seu olhar no espelho, fingindo estar hipnotizada pelo objeto, enquanto o som continuava a crescer lentamente. Alexandre parecia cada vez mais confuso, o que apenas reforçava a sensação de que ele estava encenando grande parte de sua própria ‘experiência sobrenatural’.

Finalmente, Alexandre não aguentou mais e explodiu em êxtase.

— “Eu sabia! Então você admite que é uma impostora, não é mesmo, Animara? Ou melhor, Wellinton Dias!” — Ele gritou, afastando-se do espelho com uma fúria desesperada. — “Eu sabia! Agora vai, desembucha: qual é o seu plano, hein? Se fingir de drag queen pra se infiltrar entre a gente de novo e passar informações pra polícia? Ou você na verdade está mentindo para a sua esposa enquanto se veste de mulher e busca um namorado com esse disfarce, hein? O que você esconde,?”

Animara se virou lentamente para ele, seu olhar agora firme e implacável.

— “Do que você tá falando? Você está me acusando de ser uma impostora? Por que você não admite que armou toda essa história para me ameaçar?” — A expressão dele mudou instantaneamente. O pânico nos olhos foi substituído por uma raiva contida. Ele havia sido pego.

— “O que você quer dizer com isso?” — Ele tentou manter a pose, mas sua voz estava embargada de insegurança.

— “Desde o início, você me envolveu em uma história cheia de lacunas” — disse ela, com firmeza. — “Mas os detalhes não batem. Você inventou essa história de espelho amaldiçoado apostando que eu iria me sentir ameaçada. Você queria era me manipular, me assustar, me controlar, assim como fez com seus ex-namorados e até com alguns colegas de trabalho, que você julgou como impostores por não querem expor a própria sexualidade ou a viver de acordo com as suas expectativas.”

O silêncio na sala era ensurdecedor. Alexandre não respondeu, mas seus olhos traíam a culpa. Ele sabia que Animara tinha descoberto sua farsa, mas não sabia o que fazer a seguir. Ela estava dois passos à frente dele, e ele tinha poucas opções. Animara manteve o olhar fixo nele enquanto continuava.

— “Sim, eu sei sobre o seu passado. Sei que você tem um histórico de comportamento abusivo. Os homens que você perseguiu, as pessoas que você manipulou. E você achou que poderia me colocar na mesma posição, não é?”

Alexandre explodiu em uma crise de risos

— “Pelo menos como detetive eu devo admitir que você é bom mesmo!” — Sua voz estava cheia de desespero. — “Eu... Eu... armei tudo isso sim. Eu não aguento

mais ter que me esconder, esconder o que eu sinto ou manejar o que eu digo por que os outros têm medo ou vergonha de serem livres. Quando eu te vi no palco pela primeira vez, eu me apaixonei. Eu não sosseguei até saber mais sobre você. Eu estive em todas as suas apresentações, eu arrisquei a minha vida tentando te ajudar a derrubar os mascarados que puseram fogo na Monna. Você é um fenômeno da natureza, Animara, a pessoa que eu queria pra minha vida inteira. Mas aí, indo além na minha investigação sobre você, eu descubro que você é só mais um.” — A essa altura, ele estava aos prantos, caindo ajoelhado no chão. Animara apenas observava, com uma de suas mãos no revólver em sua cintura — “Você é só mais um desses caras que fingem ser o que não é. Que se aproximam da gente achando que somos engraçados, que somos divertidos. Que somos um escape para o casamento sem graça e sem amor.” — De repente, o choro dele cessou e ele se levantou com a cabeça baixa. Animara deu um passo para trás — “Ou você mente como drag queen, ou como marido. Escolha,; qual mentira você vai deixar para trás hoje?”

— “Eu já vi o suficiente. E você é quem está acabado.” – Animara sacou sua arma e atirou contra o espelho, o que fez com que Alexandre se assustasse.

O objeto se mostrou de fato adulterado: tratava-se de uma tela de vidro espelhada, com uma tela por trás que modificava o que era refletido e gerava a ilusão desejada pelo farsante. Sem saber o que fazer, ele tentou fugir. Animara correu em sua direção e o imobilizou.

Nesse momento, as sirenes se aproximaram ao longe. Animara havia chamado a polícia antes de entrar na casa. Ela sabia que precisaria de provas sólidas para desmascarar Alexandre, e agora, com sua confissão gravada, ela tinha tudo o que precisava.

Animara assistiu enquanto os policiais levavam o lunático. As sombras nas paredes agora não eram mais sobrenaturais. Elas eram apenas marcas do que ele acreditava ser.

Finalmente, o primeiro caso de Animara como detetive particular estava resolvido. E para garantir que este não seria em vão, Animara avisou Luana Stein, uma jornalista bastante competente e ex-esposa de um de seus colegas, sobre o que iria acontecer. Luana fez a cobertura da captura de Alexposed e prometeu uma nota na imprensa, além de uma entrevista exclusiva com a detetive.

Ela sabia que este era apenas o começo. Haveria outros mistérios para desvendar,

outras sombras para esclarecer e outros lunáticos para prender. E o principal: mesmo em uma nova profissão, ainda haveria pessoas questionando o seu trabalho, a sua capacidade e a sua integridade — e contra todos esses questionamentos, ela provaria excelência.

Antes de sair da casa de Alexandre, ela deu uma última olhada no espelho. Dessa vez, o que ela viu não havia distorções. Tudo não passava de um quebra-cabeça psicológico. Animara Vilha sorriu para si mesma, com a certeza de que poderia ser um marido amado, um pai dedicado, uma drag queen cativante e uma detetive competente, sem ter que abrir mão de nada.

Quando chegou em casa, Animara foi recebida com muita alegria por sua esposa e sua filha, que comemoraram o desfecho do caso. Enquanto Mariana e Dafne preparavam a mesa para o jantar de celebração, Animara foi se desmontar. Depois de tirar a peruca e o glamuroso paletó vermelho, Tom Dias se sentou em frente à penteadeira para remover sua maquiagem. De repente, ele pode ouvir as acusações de Alexandre repercutirem em sua mente.

Mas ele não deu ouvido a elas. A sua filha e sua esposa são o seu maior orgulho e poder expressar isso através da arte Drag é o que mais o motiva. Talvez ainda leve algum tempo até que as pessoas entendam a sua complexidade, mas Tom não está com pressa: há muito trabalho pela frente e muitas pessoas que precisam de sua ajuda – seja como Tom Dias, seja como Animara Vilha.

Assim como Chappell Roan, Tom também tem todo o direito de exercer a arte drag. Aliás, quem sabe um dia não veremos Animara Vilha também rivalizando ou cooperando com a Pabllo?

FIM

OBRIGADO PELA LEITURA!

ESPERO QUE VOCÊ TENHA GOSTADO E SE ENTRETIDO COM A PRIMEIRA AVENTURA SOLO DA NOSSA QUEEN ANIMARA VILHA.

PARA CONTINUAR ACOMPANHANDO AS NOVIDADES DESTE MESMO UNIVERSO, SIGA O PERFIL DA LEIVARTE NO INSTAGRAM:

@LEIVARTE.

A SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE: ENVIE O SEU FEEDBACK PARA **LEIVARTE@RENATOCROVELLA.COM.BR** E ME AJUDE A ESCREVER HISTÓRIAS CADA VEZ MELHORES PARA O SEU ENTRETENIMENTO!

CASO VOCÊ NÃO TENHA ADQUIRIDO AINDA OS LIVROS **ESQUADRÃO DRAG** OU **WOLFGANG**, VOCÊ PODE FAZÊ-LO CLICANDO NAS CAPAS ABAIXO.

ATÉ A PRÓXIMA!

RENATO CROVELLA & LEIVARTE

